

## O Conto da Priorosa de Geoffrey Chaucer: A Satanização da Figura do Judeu na Literatura Medieval

Prof. Dr. Márcia Maria de Medeiros<sup>1</sup> (UEMS)

### Resumo:

*Durante o período medieval os judeus foram acusados de serem os assassinos de Cristo. Em outros casos, de serem difusores da lepra, ou disseminadores da Peste Negra. Também podiam ser vistos como responsáveis por envenenamento de poços os quais levavam comunidades inteiras a morte por conta de epidemias decorridas de tais procedimentos. Sua cultura, seus hábitos alimentares cercados de certos tabus, tudo contribuía para criar em torno deles uma aura que os tornava próximos das forças do Maligno. Em sua obra, Contos da Cantuária, Geoffrey Chaucer, demonstra esse universo de satanização do judeu. O que fica claro no texto de Chaucer, é que existe mais uma vez o liame que une a literatura e a história se entrelaça em um fio, permitindo perceber como uma sociedade vê os grupos sociais que a constituem e os projeta em seu imaginário, sendo aqui em particular o constituído pelos judeus, figuras tão controversas na história e que vivenciaram processos como as Cruzadas e os pogroms do mundo contemporâneo.*

**Palavras-chave:** Chaucer, idade média, história, literatura.

### 1 Introdução

Geoffrey Chaucer é conhecido na literatura universal, pela sua obra *The Canterbury Tales* (Os Contos da Cantuária) onde ele narra às aventuras de um grupo de peregrinos que parte de Londres rumo à cidade de Cantuária com o propósito de visitar o túmulo do arcebispo Thomas Beckett. No caminho, para divertirem-se enquanto seguem viagem, cada peregrino conta uma história sobre os mais diversos temas, sendo que aquele que contar a melhor história de todas será brindado com um jantar ao retornar o grupo à cidade de Londres.

Vale ressaltar que dentro do universo de histórias que o autor inglês apresenta neste livro, descortina-se um panorama da literatura medieval, que vai desde a literatura de amor cortês, percebida no Conto do Cavaleiro, narrativa que abre o texto, passando pelo humor e a ironia do *fabliaux* entrevistas no Conto do Feitor e no Conto do Moleiro, até a narrativa de cunho macabro percebida no Conto da Priorosa objeto do trabalho apresentado neste Simpósio. Antes de proceder à análise da satanização da figura do judeu no referido poema, proceder-se-á a apresentação do mesmo, visando ambientar o leitor ou leitora no conjunto do texto chauceriano.

### 2 O Conto da Priorosa

O Conto da Priorosa é o quarto conto do grupo B do conjunto de poemas que compõem a obra de Chaucer, Os Contos da Cantuária. Nesse relato, o autor narrará a história de uma juderia, ou seja, um bairro habitado por judeus, situado em uma cidade da Ásia, o qual era mantido devido *for the foul lucre of their usure/Hateful to Christ all his company* (CHAUCER, 2003, 170). O bairro era aberto de ponta a ponta, e as pessoas tinham permissão para cruzá-lo, sendo que em um de seus lados havia uma escolinha de cristãos, aonde todos os anos, crianças de todas as famílias cristãs da área vinham aprender a ler e a cantar.

Uma das crianças que estudava na escola era o filho de 7 anos de uma viúva, que costumava apresentar-se a aula todos os dias sem falta. Ademais, sempre que via uma imagem da Virgem Maria, ele tinha por hábito ajoelhar-se e render preces a mesma, pois fora isso que sua mãe lhe ensinara. Certo dia, esse jovem coroinha estava na escola quando ouviu um grupo de crianças estudando o antifonário e cantando o *Alma redemptoris*. Impressionado pela beleza do hino, pediu a

um colega mais velho que lhe dissesse que significavam aquelas palavras. Ao saber que se tratava de um hino em louvor a Virgem Maria, não deixou de entoá-lo sempre, seja no caminho de ida para a escola, seja no caminho de volta, cruzando o bairro judeu. Sua voz reverberava por todo o lugar, deixando seu louvor encravado naquelas paredes.

Então, os judeus começaram a conspirar contra a sua vida. Chaucer inclusive faz alusão ao fato de que eles foram tentados pelo Demônio para isso: *First o four foes, the Serpent Satan shook/ Those Jewish hearts that are his waspish nest,/ Swelled up and said, 'O Hebrew people look!/ Is this not something that should be redressed?* (CHAUCER, 2003, 172). Assim, os judeus do bairro contrataram um assassino (também judeu) para matar o menino. O mesmo cortou-lhe a garganta e jogou-lhe o corpo em uma fossa onde todos os judeus do bairro aliviavam as entranhas.

A mãe da criança, desesperada, passou a procurar o filho e perguntou por todo o bairro se alguém o havia visto e a resposta obtida era sempre a mesma: “não”. Até que ela aproximou-se da fossa onde o corpo de seu filho havia sido jogado e pôs-se a chamar por ele ali. Respondendo ao chamado da mãe, mesmo com a garganta seccionada pelo talho profundo o jovem mártir começou a entoar o *Alma Redemptoris*, e tão alto que as notas ecoavam por toda a região.

Cristãos que por ali passavam acorreram prontamente e admirados do que viam, mandaram chamar o chefe de polícia o qual, ao chegar, depois de louvar a Deus, a Cristo e a sua Santa Mãe, mandou prender todos os judeus. Os cristãos, lamentando profundamente, retiraram o corpo do menino da fossa, sempre a entoar seu hino, e o levaram a abadia mais próxima.

Os judeus que participaram do crime foram violentamente torturados e condenados a morte imediata, pois *Evils shall meet the evils they deserve*. Eles foram arrastados por cavalos selvagens e depois pendurados na forca, conforme mandava a lei de então.

Na abadia, depuseram o esquife do jovem mártir inocente diante do altar e foi rezada uma missa. Em seguida, o abade e todos os religiosos decidiram ser melhor proceder ao sepultamento daquele corpo inocente. No entanto, ao borrifar água benta no cadáver, o mesmo começou a falar e a cantar o *Alma redemptoris*.

O abade, na sua condição de homem santo, conjurou o menino a dizer de que forma ele podia cantar estando com a garganta cortada, ao que ele respondeu que de fato, estava com a garganta seccionada até o osso, mas que Jesus Cristo, permitiu que ele cantasse o *Alma* em homenagem a Virgem Maria, venerando e honrando a sua mãe. Disse o menino ainda que, no momento de sua morte, Maria apareceu diante dele e pediu-lhe que cantasse o hino, colocando sobre sua língua um grão, assegurando a ele que viria buscá-lo quando o grão fosse retirado. Assim fez o abade e então, finalmente, o menino entregou a sua alma.

### **3 A Satanização da Figura do Judeu na Literatura**

Historicamente falando, os judeus foram um dos grupos que mais sofreu perseguições por parte da Igreja e dos príncipes cristãos durante a idade média. Entretanto, segundo o historiador francês, Jacques Le Goff, na obra *As Raízes Medievais da Europa*, esse fato nem sempre ocorreu. Antes do século X, as comunidades judias no Ocidente eram em número irrisório sendo constituídas essencialmente por mercadores que, com outros povos de origem oriental como os libaneses e os sírios, eram responsáveis pelo comércio que subsistia entre a cristandade ocidental e o mundo das especiarias.

Segundo Jean Delumeau no livro *História do Medo no Ocidente*, o antijudaísmo teve dois componentes que agiram de forma somatória: a hostilidade experimentada por uma coletividade, no caso a Ocidental, em relação a uma minoria que era considerada inassimilável, seja por seus hábitos religiosos e/ou alimentares, seja por sua característica de empreendedorismo. O outro ponto a ser ressaltado diz respeito aos sentimentos doutrinários e dogmáticos os quais identificavam os judeus

com o mal absoluto. Partindo desse pressuposto esse grupo foi perseguido implacavelmente mesmo quando repellido para fora das fronteiras.

Há que se salientar, porém, que nesse universo, a Igreja elaborou e organizou uma teoria e uma prática envolvendo as relações entre judeus e cristãos, sendo que no caso da Espanha visigótica, a realeza e o episcopado foram responsáveis por criar uma verdadeira legislação anti-semita. No entanto, a partir do momento em que os muçulmanos adentraram na Península Ibérica, percebe-se a criação de uma situação nova, na qual judeus e cristãos (considerados no Alcorão como povos da escritura) são mais ou menos tolerados.

Carlos Magno e seus sucessores não perseguiram os judeus: sua máxima era expulsá-los e dominá-los para que o povo não esquecesse seus atos sobre eles. Uma política hipócrita que combinava uma espécie de tolerância/proteção com uma lógica que incitava a expulsão/dominação da comunidade judaica. Esse estado de coisas colocou os judeus sob a proteção dos senhores e em particular dos príncipes cristãos, sendo que seu estado oscilou entre tolerância e proteção de um lado e perseguição de outro.

Durante o século X a imagem de Jerusalém se tornou uma espécie de obsessão entre os cristãos: este foi um dos componentes da Primeira Cruzada que resultou na tomada de Jerusalém em 1099. Este frenesi pela cidade e sua evocação pela paixão de Cristo, considerado no período uma vítima dos judeus, produziram uma onda de ódio e de hostilidade contra os mesmos. Tanto mais porque, é preciso salientar que a noção de tempo na idade média é diferente da contemporânea, sendo que se representou aos cristãos de final do século X e por todo o século XI que a paixão de Cristo lhes era inerente e que ao castigar os judeus, eles estavam castigando carrascos que haviam cometido um crime naquele exato momento. Assim, numerosas comunidades judias foram massacradas: foi a primeira onda de *pogroms* na Europa.

Durante os séculos XII e XIII, outras razões motivaram a perseguição dos judeus. Dois mitos fundamentaram esse processo: o boato tido como verdadeiro de que os judeus teriam cometido crimes rituais, matando um jovem cristão para usar seu sangue em ritos religiosos. O segundo boato, foi relativo a acusação de profanação envolvendo a hóstia sagrada, sendo que os judeus foram acusados de tê-la profanado. Tal acusação nasce dentro do reforço da devoção a Eucaristia que levou à instauração da festa do Corpo de Deus em 1264.

As perseguições aos judeus podiam desembocar em sua expulsão em massa. Há que se ressaltar também que durante o século XIV quando a Europa viu ressurgir a calamidade da epidemia da Peste Negra, mais uma vez este povo foi considerado responsável pela disseminação da doença, pelo menos na Alemanha (que viria depois a ser a Alemanha nazista). No ano de 1321, foram acusados, juntamente com os leprosos de terem envenenado os poços, o que desencadeou uma onda de *pogroms* por toda a Europa.

Indubitavelmente, o fator religioso contribuiu para a degradação das relações entre cristãos e judeus no mundo no Ocidente, pois, como se percebe pelas linhas do texto de Geoffrey Chaucer, os israelitas passaram a ser identificados como uma das faces do diabo. Aliás, não surpreende que o autor coloque como narrador do poema uma Prioressa: no desenrolar da história, fica claro ao leitor ou leitora que a imagem construída em relação a eles é simples. Os filhos de Israel são maldosos e covardes (premeditam a morte do menino e contratam um assassino para executá-la), eles se perdem nas entrelinhas da sua casuística baseada no Talmude, além de cumular Jesus Cristo de golpes (são seus assassinos) e injúrias. Aliás, não fazem isso somente com a figura do Filho de Deus, mas também com a sua Mãe.

O deicídio, invectiva criada e alimentada pelos meios eclesiásticos, admitiu como uma evidência a responsabilidade coletiva do povo que crucificara Jesus. Destarte, todos os judeus eram culpados por esse crime, tornando-se malditos a partir do momento em que condenaram o Filho do Homem, e, portanto mereciam ser castigados, pois obstinavam no pecado. Nesse contexto, eles

mereciam as punições de que eram alvos e que só deveriam terminar no final dos tempos. Chaucer relata um exemplo desse processo punitivo, no momento em que os judeus que assassinaram a criança são condenados a morte. Aliás, é preciso ressaltar que a figura do menino assassinado, remete a uma forma de deicídio, pois ele foi morto enquanto louvava a Mãe de Deus, e antes dos 8 anos de idade, a partir dos quais, segundo a mentalidade medieval, o indivíduo saía da idade da inocência.

É preciso lembrar que a imagem do menino assassinado, remete a uma prática que ocorria na Idade Média, na qual os judeus, além de serem acusados da profanação da hóstia, eram acusados também de assassinatos rituais. Segundo Delumeau, em obra anteriormente citada, esses assassinatos revelam principalmente a dimensão de um medo que é único. O cristão que é assassinado é em geral, uma criança, condenada a morte pelos israelitas, imagem do próprio Jesus: assim, essa suposta execução pode ser comparada com uma crucificação, que se desdobra e se desenrola no transcorrer da história porque os assassinos de Cristo persistem em matar aqueles que Nele crêem.

Com todos esses defeitos e malefícios, os judeus tendem a taras físicas e morais, e são invectivados da pior maneira, caindo facilmente nas tentações do Maligno, pois executam, agem, fazem e vivem de acordo com as prerrogativas e preceitos de Satã. Daí serem passivos de comparação com os piores demônios das legiões infernais e mais além: adoradores do Anticristo, pois quando ele surgisse, os judeus se reuniriam em torno dele e o adorariam. Para que tal fato não acontecesse era preciso convertê-los a força sem qualquer tipo de hesitação e principalmente, urgia batizar seus filhos.

Essa lógica acabava por sofrer apupos na medida em que o inimigo que se acreditava ter expulsado reaparecia sob outra máscara: a do convertido. Ficava a pergunta no ar: este realmente passaria a seguir os preceitos do cristianismo? Segundo o autor francês Jean Delumeau, muitos judeus batizados sob ameaça acabavam por voltar de forma mais ou menos clandestina aos seus antigos ritos ou ao menos, mesmo aceitando a nova crença, continuavam a não comer carne suína, especificamente toucinho, além de seguir as fórmulas culinárias ancestrais. Isso os tornava suspeitos de heresia, inimigos mais que perigosos exatamente porque agiam sob camuflagem.

A história do antijudaísmo europeu deixa bem clara a existência de algumas prerrogativas: primeiro vale ressaltar que a idéia do batismo apagava no convertido tudo o que havia de ruim e pecaminoso no povo deicida. Porém, *a posteriori*, a virtude do batismo foi colocada em dúvida considerando-se que o judeu conservava mesmo tornando-se cristão, a herança dos pecados de Israel. Mas é preciso ressaltar que esse fato não era culpa do sacramento em si, e sim de quem o recebia: povo de origem considerada depravada, cujas más inclinações passavam quase que hereditariamente de pai para filho.

## **Conclusão**

Pelas questões apontadas neste artigo, é possível auferir pelo menos duas considerações: primeiramente, vale ressaltar que não faz sentido algum falar de intolerância ou tolerância na Europa da idade média, assim com é difícil preconizar esse elemento para os tempos atuais. Essa intolerância era sentida pelas minorias em geral: hereges, judeus, mulheres. Categorias que ficaram marcadas na história e que passaram para o texto literário com estigmas que lhe conferiram a satanização, na figura do judeu assassino de Cristo, que faz pactos com o Demônio, ou na bruxa aziaga e maléfica.

Nesse contexto, para os elementos motores da Igreja como, por exemplo, pregadores e teólogos, cada Sinagoga constitui uma anti-Igreja, sendo assim uma oficina do diabo e os israelitas que a freqüentam são feiticeiros em potencial, aos quais era preciso arrancar do domínio de Satã através da conversão, mesmo que forçada, pois o batismo expulsava o demônio da alma do judeu, o

qual só assim, tornar-se-ia inofensivo.

Outra constatação pertinente é a de que se fala de uma Europa que expulsa seus judeus: eles foram expulsos da Europa Ocidental e Meridional, da Inglaterra desde o final do século XIII, da França no final do século XIV e da Península Ibérica em 1492. Neste último caso, o argumento para a expulsão pautou-se no racismo indisfarçado, marcado pela exigência da limpeza da sangue, onde era necessário comprovar-se que a linhagem familiar não possuía resquícios de descendência judaica.

O Conto da Prioresa, escrito por Chaucer 100 anos depois de os judeus terem sido expulsos da Inglaterra, ressalta e denota os sentimentos (ou ressentimentos) de uma fração da população em relação aos israelitas: nesse contexto, esse grupo social reflete a imagem do “outro”, de um estrangeiro que se faz incompreensível e obstinado em seguir com seu credo religioso, que possui comportamentos e um estilo de vida diferenciado da comunidade na qual estão contidos. Tal estranheza se torna suspeita e os coloca como profícuos bodes expiatórios em conjunturas de crise.

Vale ressaltar que a cultura cristã Ocidental via no judeu um inimigo. No mais das vezes esse inimigo estava ausente, porém era presença viva e por mais distante que estivesse uma ameaça constante. Ele é odiado porque temido. E temido porque em sua história existe marca do assassinato de um Deus. Nessa conjuntura, percebe-se o quanto o discurso religioso alimentou o antijudaísmo, tornando geral um ódio pelos judeus que por muito tempo fora pontual e local.

Sem dúvida, na conjuntura que o encerra no contexto medieval, o judeu aparece aos olhos da comunidade cristã Ocidental como um ser bizarro, incompreensível, que não se enquadra nem se coaduna as posturas consideradas corretas. De fato, o israelita possui seu próprio credo, seus costumes, estilo de vida e forma de ser no mundo e de ver o mundo. No entanto, a ação da Igreja e do então florescente Estado, que foi impelido pela ação eclesiástica, contribuiu para isolar esse povo de forma contínua e crescente, reforçando uma alteridade que já existia, impedindo uma assimilação e denotando de forma cada vez mais forte seu caráter inquietante.

Carregando uma herança que vem da idade média, no período Renascentista os cristãos que mais defendiam a cristandade militante tiveram mais medo dos judeus. No entanto, eles tinham medo de outras coisas: idolatria, dos turcos, dos mouriscos e de todo e qualquer inimigo que sob a bandeira de Satã atacasse de forma conjunta e ordenada a cristandade européia.

Destarte, o antijudaísmo continua posto em uma série homogênea de comportamentos, já que toda a Igreja se sentiu em posição de fragilidade e incerteza, temendo a um só tempo os castigos divinos e a fúria demoníaca, o Pai justiceiro do Velho Testamento e todas as encarnações do mal que o demônio auferia e construía entre elas o judeu. Assim sendo, pode-se dizer que antes do século XIV, o antijudaísmo tinha como características principais o fato de ser um movimento local, diverso e gerado espontaneamente. No entanto, a partir desse período o fenômeno assumiu uma característica unificada, teorizada, generalizante e clericalizada, dirigida pelos senhores da cristandade.

Diante deste quadro, brevemente delineado com as tintas da história, percebe-se que a sociedade cristã da Europa ocidental começou a tracejar com seus pincéis aquilo que o mundo contemporâneo chamará de anti-semitismo, e que Geoffrey Chaucer transporta para a boca da Prioresa caracterizando o contexto acima referendado: nesse contexto, a figura do judeu na literatura será sempre caricaturizada, sendo que o antijudaísmo passou também a figurar nos palcos tanto no que tange ao teatro religioso quanto ao teatro profano, haja vista obras como O Mercador de Veneza, de William Shakespeare, escrita 300 anos depois do texto de seu contemporâneo. Essa prática referenda a idéia de que na longa duração determinadas características que correspondem ao alicerce referente ao imaginário de uma época se mantém e contribuem para a perpetuação de determinadas práticas e normas de conduta.

## **Referências Bibliográficas**

- 1] CHAUCER, Geoffrey. **The Canterbury Tales**. Londres: Penguin Classics, 2003, 504 p.
- 2] CURTIUS, Ernest. **Literatura européia e idade média latina**. São Paulo: Hucitec, 1996, 760 p.
- 3] GALVÁN, Fernando. **Literatura inglesa medieval**. Madrid: Alianza, 2001, 224 p.
- 4] HUIZINGA, Johan. **O outono da idade média**. São Paulo: Cosac Nacif, 656 p.
- 5] LE GOFF, Jacques. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis: Vozes, 2006, 384 p.
- 6] LE GOFF, Jacques. **Uma longa idade média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, 320 p.

---

**i Márcia Maria de MEDEIROS, Profa. Dra.**  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
marciamaria@uems.br